

HISTÓRIAS SECRETAS

Os bastidores dos 40 anos de **PLAYBOY** no Brasil

CARLOS COSTA • CARLOS GRASSETTI • CARLOS MARANHÃO

EDSON ARAN • HUMBERTO WERNECK • J.R. DURAN

MARCELO DUARTE • MARCOS EMÍLIO GOMES • MAURÍCIO NAHAS

NIRLANDO BEIRÃO • RICARDO SETTI • RUY CASTRO • SÉRGIO XAVIER

THALES GUARACY • THOMAZ SOUTO CORRÊA

Prefácios de

JUCA KFOURI • LUCIANO HUCK



© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa
Mislaine Barbosa

Diretora comercial
Patty Pachas

Diagramação
Victor Malta

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Revisão
Carmem T. S. Costa

Assistentes editoriais
Mayara dos Santos Freitas
Roberta Stori

Impressão
Cromosete

Assistente de arte
Mislaine Barbosa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Histórias secretas: os bastidores dos 40 anos de *Playboy* no Brasil / Carlos Costa ... [et al.]. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2016. 256 pp.

ISBN: 978-85-7888-603-5

1. Jornalismo. 2. Comunicação – Aspectos sociais. I. Costa, Carlos. II. Título.

16-32559

CDD: 070

CDU: 07

2016

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Apresentação, 5

PREFÁCIO, 7

Juca Kfour

TRIBUTO A UM COLEGA E AMIGO, 13

Thomaz Souto Corrêa

O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA:

OS 15 PRIMEIROS ANOS, 25

Carlos Costa

DESAPARECIDO EM TÓQUIO, 57

Carlos Grassetti

NA REDAÇÃO COM FERNANDO PESSOA E NO

AEROPORTO COM A MULHER DO PADILHA, 69

Ruy Castro

UMA CONVERSA FRANCA, 77

Carlos Maranhão

A FILHA DE FIDEL E AS FOTOS DE XUXA, 91

Ricardo Setti

ESPERANDO POR ALICE DE CARLI NO MOTEL, 137

Marcelo Duarte

AQUELA MINHA BOA VIDA DE *PLAYBOY*, 151

Humberto Werneck

ADRIANE GALISTEU, A GRÉCIA
E A LÂMINA DE BARBEAR, 161

J.R. Duran

ENVIADO ESPECIAL AO PARAÍSO, 169

Nirlando Beirão

PERDÃO, LEITORES, 191

Marcos Emílio Gomes

UM TIME DE PELADAS E O CARTÃO VERMELHO
PARA O FIGURANTE, 201

Maurício Nahas

SÍSIFO, CLEO E ZEITGEIST, 211

Edson Aran

UMA EVANGÉLICA TIRA A ROUPA, 229

Thales Guaracy

O FIM, A BABÁ, A MENINA AZUL, O RECOMEÇO, 245

Sérgio Xavier

Apresentação

“É uma revista para ajudá-lo a tornar-se completo. Para atualizá-lo em todas as áreas de seu interesse inteligente: esporte, aventuras, arte, cinema, moda, literatura. E naturalmente, nas doses certas, um outro assunto de grande interesse: a mulher.”

Victor Civita, fundador da Editora Abril, na edição nº 1 da *Revista do Homem (Playboy)* em agosto de 1975

Os leitores da edição brasileira de *Playboy** ficaram desemparedados por bem pouco tempo. Em novembro de 2015, a Editora Abril anunciou que deixaria de publicar a revista masculina de maior sucesso no mundo depois de quarenta anos. Ela foi lançada em agosto de 1975 com o nome *Revista do Homem* por imposição da censura. No Brasil, *Playboy* só passou a se chamar *Playboy* mesmo em julho de 1978. A 487^a e última capa, já em dezembro de

* Mario de Andrade, primeiro diretor de redação de *Playboy*, dizia que o uso do feminino não combinava com o caráter masculino da revista, razão pela qual não permitia o uso de “**na Playboy! da Playboy! a Playboy**”. Neste livro, respeitamos o estilo dos autores e mantivemos a maneira como cada um se refere à publicação. (N.E.)

2015, foi estrelada pela fotógrafa Lu Ferreira, apresentada como a “Paparazzo Misteriosa”.

Três semanas depois, a PBB Entertainment, uma empresa do Paraná, anunciou que voltaria a publicar *Playboy* brasileira a partir de abril de 2016. Mas, nesse curto espaço de orfandade, muitos fãs escreveram textos emocionados sobre esses primeiros quarenta anos de *Playboy* no Brasil.

Dessa paixão pelo título nasceu este livro, que reúne histórias vividas por 15 profissionais – jornalistas, fotógrafos e ex-diretores – que passaram pela revista em diferentes momentos. Registros dos bastidores de uma publicação que já teve vendagens espetaculares, como a capa com Joana Prado, que fez na TV a personagem “Feiticeira”, com 1,25 milhão de exemplares. Histórias de como *Playboy* se tornou referência editorial entre todas as edições do mundo, publicando entrevistas e perfis históricos, reportagens premiadas, ilustrações, fotos e textos de autores renomados, e – como escreveu Victor Civita em 1975 – um outro assunto de grande interesse: ensaios com as mulheres mais desejadas e amadas do país.

Muitas histórias ainda serão contadas sobre *Playboy* no Brasil (outros profissionais foram chamados para escrever, mas declinaram do convite, incluindo quatro mulheres que tiveram postos-chave na edição brasileira). Este é o ponto de partida para você, leitor, entender como *Playboy* se transformou na “revista mais gostosa do Brasil”.

PREFÁCIO

Juca Kfoury

Dirigir a *Playboy* entre 1991 e 1994 foi dos maiores desafios de minha carreira.

E dos maiores prazeres que tive, principalmente nos dois últimos anos.

Dos maiores desafios porque se tratou de substituir o brilhante diretor e fundador da *Playboy* brasileira, Mário Escobar de Andrade, um obsessivo editor que acreditava piamente, e agia exaustivamente para impor sua crença, de que Deus está nos detalhes.

Manter o padrão de qualidade estabelecido por ele era a minha missão.

Missão que se tornou das mais prazerosas quando a redação da *Playboy* foi chefiada pelo brilho de Humberto Werneck, coadjuvado por dois dos mais competentes jornalistas do país, Eugênio Bucci e Nirlando Beirão.

Na arte, a excelência de Carlos Grassetti e um bando de fotógrafos de finíssimo trato, de Pedro Martinelli a J.R. Duran. Como querer mais?

Tocávamos a revista de ouvido, com a colaboração de repórteres como Audálio Dantas, Fernando Morais, Fernando Pacheco Jordão, Ricardo Boechat, entre tantos,

além de Guilherme Cunha Pinto, o Jovem Gui, que nos faz também tanta falta.

Sim, a mulher de capa era fundamental, mas num período em que o Brasil foi assolado pela política econômica de Fernando Collor, não havia como pagar cachês estratosféricos e o investimento em bom jornalismo manteve a *Playboy* como uma das principais publicações do país, sempre com enorme repercussão, prestígio e rentabilidade, capaz de dar furos em cima de furos.

Particularmente, tive três alegrias das quais me orgulho: uma entrevista com Pelé, em que ele denunciou a corrupção na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e por 11 vezes começou suas respostas dizendo “eu nunca falei disso antes”; a mudança da política internacional da *Playboy*, que até então não mencionava a necessidade de fazer sexo seguro em tempos de Aids, algo que passou a fazer depois que publicamos uma reportagem assinada por Conceição Lemes que veio a ganhar um prêmio da Organização Mundial da Saúde (OMS); e, finalmente, a revelação da identidade de Carlos Zéfiro, o autor de gibis eróticos responsável pela iniciação sexual de algumas gerações de brasileiros.

Alcides Caminha, eis o nome dele, era um funcionário público aposentado que temia perder seu parco salário caso viesse a ser revelado. Foi, ainda, parceiro de Nelson Cavaquinho em *A flor e o espinho* – “Tire o seu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor”.

A reportagem, publicada em novembro de 1991, é a de que mais me orgulho de ter escrito, até para mostrar que jornalismo investigativo não é necessariamente sinônimo de denúncia. Publicá-la foi como um parto, tamanha a resistência do personagem, nem um pouco feliz em ter sido descoberto.

Depois de concordar com a publicação, após uma verdadeira assembleia familiar, a matéria lhe valeu parabenizar uma turma de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ser homenageado na Bienal de Quadrinhos e entrevistado no programa de Jô Soares.

Morreu sete meses depois, reconhecido e coberto de glórias.

Como diretor da revista também tive a oportunidade de ver como o gênero humano é capaz de ser mesquinho para se aproveitar de situações em que está com a faca e o queijo nas mãos.

Uma maravilhosa capa da *Playboy*, em meio às negociações, não só fez questão de pedir champanhe francês em jantares que promovemos, como, pior, entrou em minha sala para fazer uma ligação internacional na conta da Editora Abril.

Atitudes menores, embora marcantes, de um período de ouro não só da revista, mas da própria editora, quando Thomaz Souto Corrêa era guardião e inspiração de excelência editorial.

Deixei a *Playboy*, para relançar a *Placar*, nas mãos de Ricardo Setti, que não deixou a qualidade e a rentabilidade caírem.

Depois dele, no entanto, começou a agonia, com entrevistados popularescos, mulheres em posições ginecológicas, reportagens irrelevantes, um caso bizarro em que a revista masculina número um do Brasil baixou o nível para ficar igual às concorrentes.

Era o começo de uma morte anunciada.

Até que a agonia começasse, porém, foram décadas de grandes histórias, de muito talento e “glamour”, como você poderá constatar a partir de já com a leitura dos depoimentos de quem fez da *Playboy* brasileira, fato reconhecido pela matriz, a melhor de todas as edições internacionais da revista.

Tenho certeza de que será bom para você.

JUCA KFOURI

é formado em ciências sociais pela USP. Diretor das revistas *Placar* (1979-1995) e da *Playboy* (1991-1994), foi também comentarista esportivo do SBT (1984-1987) e da Rede Globo (1988-1994). Participou do programa *Cartão Verde*, da Rede Cultura, e apresentou o *Bola na Rede*, na RedeTV. Atualmente está também na ESPN-Brasil, apresenta o programa *CBN EC*, na rede CBN de rádio e é colunista da *Folha de S.Paulo*.

TRIBUTO A UM COLEGA E AMIGO

Thomaz Souto Corrêa

Entro correndo no Hospital Albert Einstein. Vejo o Juca Kfourri andando esbaforido de um lado para outro.

– E então?

– Morreu.

Mário Escobar de Andrade, nosso amigo e colega, estava morto. Era 1º de fevereiro de 1991. Tinha 46 anos de idade. Marta e Fernando, Luciano também, os que moravam com ele, perdiam ali um marido, um pai e um padrasto, cuja falta abria um vazio na vida difícil de preencher. Pedro e Kitty, filhos do primeiro casamento, sentiram igualmente a dor da imprevista e absurda morte do pai. Nós, de nossa parte, dizíamos adeus a um amigo e a um colega igualmente difícil de substituir. A carreira do jovem jornalista carioca, que chegara à Abril em julho de 1967 para trabalhar como redator na revista *Quatro Rodas*, encerrava-se ali muito antes da hora: redator de *Quatro Rodas*, redator-chefe de *Homem*, diretor de redação de *Homem* e da *Playboy*, diretor-gerente (ou seja, editorial e comercial) de um grupo que incluía, entre outras, as próprias *Quatro Rodas* e *Playboy*, Mário estava passando por experiências que o levariam – tenho certeza – a postos muito mais importantes.

O rabino Henry Sobel explicou como deveríamos encarar a perda do Mario: “Imaginem um navio que deixa a terra para trás e vai ficando cada vez menor, até que chega à linha do horizonte e desaparece. Assim é a morte de uma pessoa querida”. Mario tinha ido embora, mas deixava uma história de sucesso e um exemplo de como o talento precisa de dedicação quando se quer dar certo.

Nesses 24 anos de Editora Abril, Mario se tornara um “revisteiro”, expressão que guardamos para alguns, poucos, que têm paixão e obsessão pela arte e pela técnica de fazer revistas. Mario tinha uma antena, um radar ligado o tempo todo. Quem faz porque gosta não desliga o radar nunca. Não existem férias, nem fins de semana para quem tem obsessão por fazer sempre o melhor, à procura do colaborador ideal, em busca de um bom assunto que pode estar em qualquer lugar: na rua, nos jornais, nos livros, na televisão.

Segunda-feira era o dia em que chegavam bilhetinhos, cópias de páginas de livros, recortes de revistas e jornais do Brasil e do mundo ocidental – “Que tal isso?”; “E isto, não dá matéria?”; “Olho nessa moça: talvez seja a capa da edição de aniversário do ano que vem...”. Bilhetinhos, numa caligrafia ansiosa, iam para comandados, pares e comandantes. Sim, ele havia passado o fim de semana pensando em como melhorar a revista.

Fui ao *Houaiss* ver se encontrava uma definição para “revisteiro”. Encontrei a seguinte: **revisteiro** *s.m.* *TEAT*

1. *aquele que escreve esquetes, pequenos textos etc. para serem encenados em teatros de revista. **2.** *pequeno recipiente, de palha, madeira ou qualquer outro material, em que se colocam as revistas e jornais; porta-revistas.* Uai, Houaiss (não resisti), e nós, “revisteiros”, como ficamos? Somos pessoas, de todos os sexos, que trabalhamos em revistas, mas o que nos diferencia é a paixão e a obsessão. Se livreiro vende livros, jornaleiro vende jornais, revisteiro também vende revistas, não só o produto físico, mas também as ideias que vão impressas nelas. Ideias na forma de textos, fotos, desenhos e gráficos, organizados de maneira a construir um conjunto que seja coerente e irresistível. Também podemos ser um porta-revistas, não só porque andamos com elas nas mãos, e as colecionamos em estantes, mas também porque as guardamos na cabeça, nos arquivos mentais e nos sonhos, que às vezes viram pesadelos. Procurei a definição porque conheço alguns deles, e porque estou aqui me lembrando do Mario, que fez a *Playboy*, que por sua vez ficou conhecida na época como “a revista mais gostosa do Brasil”.*

Carioca, Mario Escobar de Andrade entrou em revistas a convite de outro carioca, Mauro Ivan Pereira de Mello, que dirigia a *Quatro Rodas*. Mario vinha de uma experiência em jornais cariocas e não poderia ter escolhido melhor mentor para entrar no fascinante mundo das revistas. Mauro Ivan era uma rara combinação de jornalista e designer

gráfico exigindo, nas duas funções, um padrão de qualidade editorial internacional. Com Mauro Ivan, Mario viu a importância do aspecto visual numa boa revista: é o que atrai o leitor para o bom texto. Quando Mauro Ivan foi chamado para trabalhar no projeto da edição brasileira da *Playboy*, levou o Mario já como redator-chefe. A revista nasceu como [A revista do] *Homem*, porque a censura vetou o nome “Playboy”, que associava com luxúria e pecado. Nos Estados Unidos a *Playboy* era uma revista sofisticada, que publicava os grandes nomes do jornalismo e da literatura contemporâneos; as ilustrações eram de artistas plásticos igualmente famosos; as reportagens sobre roupas e bebidas mostravam as tendências de um estilo de vida que ensinava o leitor a ser o mais elegante, e o mais bem informado.

A *Playboy* também cobria as temporadas cultural e esportiva, apontando sempre os artistas e os jogadores que iam ser destaque na imprensa, no cinema, na televisão. A revista organizava festivais de jazz que eram os mais importantes da época. E publicava “a” entrevista. Páginas e páginas de perguntas e respostas, registradas em horas e horas de conversa, sempre com uma personalidade cujas declarações iriam causar sensação. Só para dar um exemplo, publicou uma entrevista com o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter, em novembro de 1976, e também conversou com Fidel Castro, em agosto de 1985, feitos jornalísticos inéditos naqueles tempos.